

Entre a catástrofe e o triunfo: as construções das memórias em torno do conflito israelo-palestiniano de 1948 em *De amor e trevas* e *Once upon a country*

Maria Silveira¹

O longo conflito israelo-palestiniano, embora frequentemente repercutido na mídia internacional, parece estar também envolvido por uma espécie de ocultamento da memória coletiva global. A Fundação do Estado de Israel, a aclamada conquista de uma nação tão sonhada pelos judeus, representou — e representa — uma catástrofe para pelo menos metade da população palestina que, na mesma época, via-se expulsa das suas terras.

Para além das produções midiáticas, perspectivas sob este mesmo evento histórico podem ser percebidas também sob o viés da literatura, fenômeno estético que tem a potencialidade de trazer novas visões e interpretações sobre eventos históricos. Neste sentido, neste trabalho, mostramos a partir de uma análise comparativista entre os livros *Once upon a country*, do escritor palestino Sari Nusseibeh e *De amor e trevas*, do escritor israelense Amós Oz, como os narradores dão corpo, rememoram e ficcionalizam um mesmo período histórico, especificamente, a criação do Estado de Israel em 1948.

Os livros, embora rememorem também um passado longínquo com memórias familiares antecedentes ao século XX, foram escritos na primeira década dos anos 2000, 2001² e 2007, respectivamente. Os escritores das obras, também ativistas políticos, se conheceram em Negev na casa de Oz em 1978³, além disso, já dividiram prêmios, travaram debates e deram entrevistas coletivas. O escritor Amós Oz, falecido em 2018, foi um dos importantes nomes da literatura israelense. Além de ser autor de *De amor e trevas*, escreveu, também, obras como *Monte do Mau conselho* (1976) e *A caixa preta* (1986), sendo conhecido por sua vasta produção de contos à artigos acadêmicos publicados em diversos países, além de ter sido agraciado pelo Prêmio Israel, Prêmio Goethe e indicado ao Nobel da Literatura em 2002. Por sua vez, Sari Nusseibeh, autor de *Once upon a country* é um escritor, filósofo e professor palestino. Além da obra que discutimos neste texto, o autor escreveu outros livros como *No trumpets, no drums* (1991) e *What is a palestinian state worth?* (2011). Foi também representante da Autoridade Nacional Palestiniense e presidente da Universidade Al Quds.

¹ Maria Silveira é estudante do mestrado em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia.

² Embora tenha sido publicado em 2002, o livro *De amor e trevas* foi finalizado em dezembro de 2001 em Arad, como demonstra Amós Oz em suas páginas finais.

³ A informação pode ser encontrada no próprio livro *Once upon a country*: “We first met after Lucy and I visited him at his home in the Negev in 1978.” (NUSSEIBEH, 2007, p.15)

Em *De amor e trevas*, autor e narrador se confundem na história de cunho autobiográfico do personagem Amós Klausner, filho único do casal Fânia Musman e Arie Klausner, imigrantes judeus do Leste Europeu. No romance, nos são contados os anseios e desafios do menino que vivia numa casa simples, rodeada por livros, “ao rés do chão” no bairro de Kerem Avraham, em Jerusalém. A vida do menino Amós é dividida entre a esperança nutrida para com a construção do Estado de Israel e os resquícios, intensos, profundos, de violências do antissemitismo presente no seu passado familiar entrelaçados a outros acontecimentos como o marcante suicídio da sua mãe, cujo forte impacto na sua subjetividade é perceptível e se desdobra em ações objetivas, tal como sua mudança para o kibutz e a modificação do seu sobrenome para a alcunha Oz, cujo significado é coragem em hebraico.

“Fui criado não mais de trinta metros de onde Oz viveu sua infância, do outro lado da fortificada ‘Terra de Ninguém’ estabelecida após a primeira Guerra Árabe-Israelense” (NUSSEIBEH, 2007, p.16, tradução nossa).⁴ Enuncia Sari Nusseibeh, nascido em Damasco — por desvio histórico ou do “destino”⁵ — logo cedo mudara com os seus pais e irmãos para o centro de Jerusalém. As lembranças e memorações do autor resguardam algo familiar ao narrar histórias de séculos passados, porém, dentre essas memórias seculares, despontam, também, acontecimentos da vida privada de Nusseibeh, como seus estudos na Inglaterra, o seu casamento com Lucy, a sua mudança para os Estados Unidos, o retorno para a Palestina etc. Os eventos narrados — sejam eles concernentes à esfera individual ou à uma história coletiva — ganham nas memorações do narrador Nusseibeh as marcas da expulsão do povo palestino da sua terra, concatenada no pesaroso título: “Era uma vez um país”⁶.

Levando em conta a pequena distância entre as moradias dos dois autores-narradores e das histórias pessoais que compartilham de elementos — simbólicos e materiais — semelhantes, jaz a pergunta: como nós podemos perceber realidades tão diferentes narradas por Oz e Nusseibeh? Embora as representações do período sejam, realmente, distintas, os narradores propõem-se a juntar os cacos do passado através das memórias — suas e de seus antepassados — meio que informando que, estes passados que compõem as identidades palestinas e israelenses pode vir a ser desemaranhado nas fronteiras da forma literária.

⁴ No original: I was raised no more than a hundred feet away from where Oz lived out his childhood, just on the other side of the fortified “No Man’s Land” established in the wake of the first Arab-Israeli War. (Observação: cem pés correspondem à aproximadamente trinta metros).

⁵ Como relatado na obra, no período o seu pai havia sido atingido por uma bala nas pernas e a mãe deu à luz à Nusseibeh em um apartamento apertado em Damasco, onde estava com a sua família, na mesma cidade, que outros milhares de refugiados palestinos.

⁶ Tradução nossa. No original: “Once upon a country”.

Em *De amor e trevas*, existe uma atmosfera mais pessoal e particular, onde entramos em contato com as intimidades do autor. Embora haja menções a datas e eventos históricos importantes — os chamados “fatos reais” — é perceptível a inclinação, por parte do narrador, de nos mostrar uma história biográfica, produz-se, portanto, uma narrativa com fortes características subjetivas, embora não se resuma a isto. Este fenômeno é possível de ser percebido no trecho abaixo, em que o narrador discute com o dito “mal leitor” que tentaria descobrir o que seria verdade ou mentira em sua obra: “Tudo é autobiográfico: se um dia eu escrever uma história sobre o caso de amor entre madre Teresa e Abba Eban⁷, com certeza vai ser uma história autobiográfica, não há história que não seja confessional.” (OZ, 2005, p.40) Ou mesmo, quando questiona ao se dirigir ao leitor: “E você, não pergunte: o que é isso? São fatos reais? De verdade? É isso que se passa com esse autor?” (OZ, 2005, p.45).

Diferente da posição de Amós, em *Once upon a country*, parece haver uma busca maior pela legitimação do conteúdo apresentado na obra ao confrontar os discursos sobre a história da Palestina e Israel com uma narrativa que exprime uma busca por manifestar um possível compromisso com a veracidade. Essa procura por uma narrativa legitimada em torno da noção de “verdade” é expressada por Nusseibeh ao esgarçar as fronteiras literárias tramando na sua escrita elementos formais, tanto da autobiografia, quanto da historiografia. Assim, nota-se ao longo de sua obra o entrecruzamento de acontecimentos do âmbito individual e familiar, como a fratura da perna sofrida do seu pai ou as perdas de terra do seu avô, concatenadas a uma dimensão histórica e coletiva relacionada a perda de uma nação. Neste ponto, o narrador se utiliza não pura e simplesmente da sua memória e da sua família, mas busca respaldar sua perspectiva através de citações de documentos históricos.

Em entrevista conjunta dada pelos autores ao *The New York Times*⁸ em 2010, essa diferença formal das obras dos autores, ficam explícitas ao discorrer sobre a pauta política e estética de uma possível “reconciliação das narrativas acerca da fundação do Estado de Israel”. Percebemos na resposta dada por Amós Oz uma perspectiva de respaldo das diferenças entre essas histórias, ao seu ver, as narrativas não devem ser conciliadas, o passado, seria, na sua visão, um espaço polissêmico, cujos sentidos distintos dados pelos palestinos e israelenses permaneceriam em estados de não-concordância: “Temos de concordar em relação ao futuro, não ao passado” (OZ, Amós, 2010), diz o autor.

⁷ Abba Eban foi ministro das relações exteriores de Israel. Em 1947, foi nomeado para participar do comitê de partilha da Palestina pela recém formada ONU.

⁸ A entrevista foi traduzida pelo site do UOL em 2010. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2010/12/22/duas-formas-de-ser--uma-conversa-com-amos-oz-e-sari-nusseibeh.htm>

Já Nusseibeh se posiciona de forma contrária à formulação de Oz. O autor reconhece o quanto a criação do Estado de Israel deve ter sido algo especial para os judeus, mas complementa, situando que para os palestinos o significado deste fato histórico é radicalmente distinto. Seguindo esta linha, Nusseibeh procura demonstrar a importância de se revisitar este passado com a intenção de compreender os acontecimentos históricos ali ocorridos, principalmente, em 1948, que testemunhou nas palavras do autor “o colapso do sonho palestino” (NUSSEIBEH, 2007, p. 43, tradução nossa).⁹

A partir da entrevista dos dois autores, torna-se explícita suas discordâncias em relação à temática. Amós Oz afirma que julga a obra de Sari Nusseibeh demasiadamente focada no conflito com os judeus e que se fosse para escrever sobre fatos históricos ele não estaria fazendo um romance. Já Nusseibeh pontua que o ano de 1948 não se extingue enquanto um dado estático do passado, mas que foi e é determinante para se moldar a identidade e futuro palestino.

Como demonstrado no trecho abaixo de *Once upon a Country*, torna-se evidente a necessidade de Nusseibeh de desvelar no passado uma verdade encoberta, lembrando o que foi esquecido de 1948:

Em 15 de maio, centenas de milhares de refugiados árabes obstruíram as estradas que se dirigiam para o leste, afastando-se da costa. As memórias de meu pai contam uma história sinistra de um povo inteiro fugindo de medo. Houve muitas expulsões a mão armada, embora muitos árabes tenham deixado suas casas voluntariamente, como as pessoas costumam fazer para escapar de uma batalha ou de um desastre natural, presumindo que retornariam num momento em que a calma prevalecesse novamente. (NUSSEIBEH, p. 52, 2007, tradução nossa)¹⁰

A mesma data, no entanto, é percebida de uma maneira diferente por Amós Oz, que enaltece o surgimento do estado judeu:

À meia-noite, entre 14 de maio de 1948, uma sexta-feira, e 15, sábado, com o final dos trinta anos no mandato britânico, surgiu o Estado de Israel, cujo nascimento fora anunciado algumas horas antes por David Ben Gurion em Tel Aviv. Depois de um intervalo de mil e novecentos anos, assim disse tio Yossef, novamente temos **um governo de judeus aqui**.¹¹ (OZ, 2005, p. 451, grifo nosso)

Além dos trechos expressarem uma mesma necessidade dos narradores: de se voltar ao passado e remendar a sua história em uma sequência lógica que dê conta de exprimir o significado do período, sob a perspectiva do seu povo, torna-se perceptível como nas

⁹ No original: the collapse of the Palestinian dream.

¹⁰ No original: By May 15, hundreds of thousands of Arab refugees clogged the roads heading east away from the coast. My father's memoirs tell a grim story of an entire people fleeing out of fear. There was a lot of expulsion at gunpoint, though just as many Arabs left their homes willingly, as people often do to escape a battle or a natural disaster, assuming that they would return the moment calm again prevailed.

¹¹ Embora não nos adentremos especificamente nesta discussão no trecho, torna-se evidente, como nas palavras do narrador esse “Estado judeu” já demonstra, de longe, esse Estado étnico que está pautado.

narrativas, as lembranças particulares dos narradores não se esgotam enquanto uma mera expressão individual. Ao realinharem suas experiências, pondo-as em conjunto com outras memórias, gera-se um encadeamento que busca expressar ali, centralmente, uma memória coletiva, é esta a importância da menção feita por Amós Oz ao seu tio Yossef e por Sari Nusseibeh, ao seu pai, nos trechos acima.

Por outro lado, os relatos, notadamente, rivalizam entre si pelos seus conteúdos antagônicos. Tomado como uma glória pelo povo Judeu, o surgimento do Estado de Israel reverte-se como uma tragédia para o povo palestino que intitulou este evento histórico de *nakba*. Como enfatiza o historiador israelense Ilan Pappé (2016), a alcunha *nakba* representa a orquestrada catástrofe infligida contra os palestinos, quando três quartos da população nativa da Palestina foi desalojada com uso da violência, bem como teve os seus vilarejos destruídos. O teórico enfatiza esta limpeza étnica como um crime planejado, porém, praticamente desvanecido da memória coletiva global.

Numa perspectiva mais particular, é possível observar como a expulsão de palestinos é exprimida em *Once upon a country*, quando Nusseibeh nos conta sobre as perdas materiais sofridas pela sua família materna¹²:

O que aconteceu com o lado materno da família foi mais uma história típica de refugiados. Em 1948, a família já estava empobrecida, tendo perdido suas propriedades para os britânicos. Depois do meu pai ter sido baleado, a minha mãe grávida deixou os meus irmãos mais velhos com familiares em Beirute e foi para o hospital em Nablus para cuidar do meu pai. Ela então voltou para Ramle para cuidar de sua mãe viúva. Em Junho, o exército israelense apareceu [...] tendo concluído uma década antes que a expulsão era uma necessidade, Ben-Gurion acenou com a mão num gesto como se dissesse: “Expulse-os!” A expulsão foi um movimento popular entre os políticos sionistas. [...] Alguns dos árabes despossuídos receberam transporte em caminhões ou ônibus. A maioria, tal como a minha família, teve de viajar a pé através das linhas de demarcação e para Jerusalém Oriental e Cisjordânia controladas pela Jordânia. (NUSSEIBEH, 2007, p. 64, tradução nossa)¹³

¹² Apesar disso, Nusseibeh enuncia que a família paterna não sofreu muitas perdas materiais, pois o controle da Jerusalém oriental estava com os árabes - onde a família detinha a maior percentagem das terras, embora o seu pai tenha perdido algumas propriedades.

¹³ No original: What happened to my mother's side of the family was a more typical refugee story. By 1948 the family was already impoverished, having lost its holdings to the British. After my father was shot, my pregnant mother left my older siblings with relatives in Beirut and went to the hospital in Nablus to look after my father. She then returned to Ramle to take care of her widowed mother. In June, the Israeli army showed up. [...] Having concluded a decade earlier that expulsion was a necessity, Ben-Gurion waved his hand in a gesture as if to say, “Drive them out!” Expulsion was a popular move among Zionist politicians. [...] Some of the dispossessed Arabs were given transport in trucks or buses. Most, like my family, had to travel on foot back across the demarcation lines and into Jordanian-controlled East Jerusalem and the West Bank.

Do outro lado do muro, por assim dizer, esta expulsão do povo palestino é também percebida, a vejamos na narrativa de Oz: “o destino de centenas de milhares de refugiados palestinos, dos quais muitos tinham fugido e muitos outros simplesmente tinham sido expulsos das cidades e aldeias conquistadas pelo exército de Israel” (OZ, 2005, p. 467). Embora se sensibilize com o destino dos palestinos ao lamentar a guerra, o narrador continua: “A guerra é uma coisa terrível, mas quem mandou os árabes começarem? Pois já tínhamos aceitado o plano de partilha aprovado na assembléia da ONU, e foram os árabes que rejeitaram qualquer acordo e tentaram nos trucidar” (OZ, 2005, p. 467).

É curioso que embora admita a expulsão de milhares de refugiados, o narrador, em uma espécie de segundo momento, logo se apressa a defender a posição israelense, justificando a expulsão dos árabes pela não aceitação do Plano de Partilha da ONU, ainda que condene a guerra desencadeada. Do ponto de vista histórico, é possível observar como este argumento mobilizado por Oz no plano ficcional, encontra correspondência com a própria realidade externa à obra, uma vez que, como enfatiza Pappé, houve diversos historiadores como Benny Morris, por exemplo, que interpretavam a saída dos nativos como uma “fuga voluntária”, utilizando-se enquanto fundamento para seu argumento, a recusa árabe à proposta de partilha, no mínimo indecente por parte da UNSCOP¹⁴.

À saber: o Plano de Partilha da ONU em novembro de 1947 ocorreu com a saída dos ingleses do seu Mandato de pouco mais de 20 anos na Palestina, que teve início posteriormente à Primeira Guerra Mundial, quando a região era comandada pelo Império Turco Otomano. Como elucida o historiador Avi Shlaim (2005), embora tenham solicitado para a UNSCOP 80% de terras, a Resolução 181 foi considerada um triunfo para o movimento sionista. Isto porque foi ofertado aos judeus que possuíam menos de um terço da população e, à época, menos de 6% da área total da Palestina, 56% do território e a maioria das terras férteis da região. Enquanto aos palestinos que tinham desde, pelo menos, o início do século, a maioria populacional e a maior quantidade de terras, foram ofertadas apenas 42% das terras com maioria de áreas inférteis.

A historiografia palestina defendeu-se ao mostrar tal ilegalidade e injustiça por parte da recém-criada ONU. Este mesmo movimento, é perceptível, no plano da própria obra *Once upon a country*, quando o narrador Nusseibeh nos revela esse descontentamento geral por parte dos árabes da região com a imigração judaica às terras: “Os árabes locais estavam muito

¹⁴ Sigla do Comitê Especial das Nações Unidas sobre a Palestina.

mais unidos em sua oposição. ‘Por que deveríamos pagar pelo que os europeus fizeram contra os judeus?’ (NUSSEIBEH, 2007, p. 48, tradução nossa).¹⁵

O questionamento inicial do narrador coloca em evidência tal indignação, fazendo uma clara alusão ao antissemitismo sofrido pelos judeus, cuja experiência do holocausto configura-se enquanto a sua memória mais traumática. Nesse trecho, Nusseibeh mobiliza e questiona a associação dos judeus com a Palestina, justificada pela experiência diaspórica e antissemita sofrida por seu povo, como pode ser observado no trecho de *De amor e trevas*:

Durante dois mil anos tivemos de aguentar tudo calados. Durante dois mil anos fomos como ovelhas para o sacrifício, mas aqui em nossa pátria não permitiremos, de maneira alguma, que nos condenem a uma nova diáspora. Nosso orgulho não será mais espezinhado (OZ, 2005, p. 137).

Essa ideia de retorno para uma nação prometida, retoma o mito milenar que nutriu a narrativa judaica na história moderna — de que por serem vítimas teriam, então, um direito natural sob aquela terra¹⁶ — esta narrativa, constituinte da memória coletiva israelense é exprimida, inclusive, no próprio hino de Israel, *Hatikva*:

ainda não estará perdida nossa esperança,
a bimilenar esperança de sermos um povo livre em nossa terra,
a terra de Sion e Jerusalém.

Conforme aponta Stuart Hall, esses mitos fundadores não devem ser pensados de maneira a-histórica, como se os povos tivessem origens únicas, visto que, para o teórico, os que estão hoje aqui, outrora pertenciam, originalmente, a outro lugar. Além disso, é interessante observar, tanto no *Hatikva*, quanto no trecho de Oz, que o mito fundador — que garante a autopercepção de coerência ao povo judeu — não pode ser interpretado como apenas um elemento do passado — importante durante o processo de construção do Estado nacional — mas sim, como, também, um elemento que impacta o presente e futuro, ao garantir coesão e nutrir as esperanças dos israelenses:

Lá em Sião, na terra amada por nossos pais, cantaram meus pais em sua juventude, ela na cidadezinha de Rovno, e ele em Odessa e em Vilna, assim como milhares de jovens por toda a Europa Oriental nas duas primeiras décadas do século XX. Lá todos os sonhos irão se materializar/ Lá iremos viver e criar/ Uma vida pura e uma vida livre. (OZ, 2005, p. 311)

¹⁵ No original: Local Arabs were far more united in their opposition. “Why should we pay for what the Europeans did against the Jews”.

¹⁶ Ao mesmo tempo é interessante perceber como essa narrativa foi criada, no primeiro Congresso Sionista, por exemplo, se discutia qual seria o local “adequado” para a população ir, onde a Patagônia foi também considerada.

Apesar do próprio Amós se interrogar sobre a ideia de “pureza da vida” — quando esta seria, na sua visão, um fenômeno “nebuloso” —, impregnada, de certo modo, nesses mitos fundadores, o narrador também deixa-se levar pelos sentimentos de anseio e sonhos que envolvem esta terra, construindo um relato ficcional vazado por elementos constituintes do imaginário israelita e judeu. Algo, inclusive, muito comum às narrativas autobiográficas, como demonstra Leonor Arfuch (2010) ao elucidar como as obras que compõem o “espaço biográfico” acabam por apresentar aspectos em que a ficção se encontra entrelaçada aos fatos e imaginários sociais.

Assim, buscamos investigar de um ponto de vista crítico, os relatos simbólicos e ficcionais que compõem as obras em questão, buscando observar no seu interior como esses elementos que compõem os imaginários coletivos dos grupos e nações envolvidos são redimensionados no plano ficcional. Especificamente sobre a diáspora judia, nota-se como um mito fundador de retorno a terra prometida pôde ser secularizado, como demonstra Pappé (2016) e se consolidado na memória coletiva de boa parte dos israelenses, sendo passado de geração à geração. Em uma linha semelhante, Stuart Hall comenta como essa ideia de “retorno” à Israel, pode ser compreendida como a origem da disputa na qual “o povo palestino tem pago um preço tão alto, paradoxalmente, com sua expulsão de uma terra que, afinal, também é sua” (HALL, 2003, p.30) .

Contudo, para além de observar como as obras artísticas trabalham esteticamente os fatos e imaginários sociais, é importante ter em vista uma forma de aproximação complementar para com o objeto. A de observar como ele expressa o estado de coisas da sociedade articulando o passado, presente e futuro, nesse sentido, esses relatos devem ser tensionados no contexto social ao qual estão vinculados.

Quando pensamos no Estado de Israel, como citado anteriormente, não podemos perder de vista que este se trata de um estado étnico, visto por muitos intelectuais como Achille Mbembé (2004), enquanto um Estado de Apartheid. Algo que se manifesta desde suas origens em 1948, quando se testemunhou o “esforço para deixar homogêneo um país de etnias mistas, expulsando e transformando em refugiados um determinado grupo de pessoas” (PAPPÉ, 2016, p. 23) como nos lembra Ilan Pappé. Nesse sentido, ambos autores conseguem captar aos seus modos — dando-lhes, consciente ou inconscientemente, sentidos específicos — o fenômeno da expulsão dos palestinos ou a criação do Estado de Israel, por exemplo. Diante disso, é importante notar como a literatura pode representar períodos históricos de grande dimensão como o conflito entre Israel e Palestina, intercalando a dimensão coletiva à aspectos

das individualidades e subjetividades exprimida pelos narradores, algo perceptível tanto nas obras de Oz (2005), quanto de Nusseibeh (2007).

Por fim, foi possível observar também, como o cotejo entre duas obras tão complexas — em âmbitos históricos e biográficos — como *Once upon a country* e *De amor e trevas*, possibilita perceber como romances, ao mesmo tempo tão próximos e distantes entre si, podem ser verificados de forma justaposta, extraíndo dessa relação, novos significados, lidos à luz do seu contexto social, nesse sentido, apesar das diferenças narrativas quanto ao passado, em ambas as obras ocorrem momentos de abertura e consideração ao “outro”¹⁷ — ainda que limitada, em certo grau, ao clima de hostilidade concernente ao conflito. Nesse sentido, o que pode significar, em algum nível, uma busca por um diálogo acerca do futuro, como ambos autores parecem concordar em sua entrevista conjunta.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- HALL, Stuart. **Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior**. In:_____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003. p. 25-50.
- MBEMBE, Achille. **A sociedade da inimizade**. In: Políticas da Inimizade. Lisboa: Antígona, 2017, p. 71-105.
- NUSSEIBEH, Sari. **Once upon a country**. New York: Farrar, Strauss, and Giroux, 2007.
- OZ, Amós. **De amor e trevas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PAPPÉ, Ilan. **A limpeza étnica na Palestina**. São Paulo: Sundermann, 2016.
- SHLAIM, Avi. **A muralha de ferro: Israel e o mundo árabe**. Rio de janeiro: Fissus Editora, 2004.

¹⁷ Tanto o narrador Amós Oz quanto Sari Nusseibeh, questionam no decorrer da narrativa a ausência do “outro” nas suas vidas, a perspectiva nesses trechos é de angústia e abertura. A rememoração de Oz ao visitar a casa de um árabe quando jovem é outro momento importante da trama, quando, apesar do exotismo e desconfiança com a qual o garoto os observa, há elementos, também, de admiração. No caso de Nusseibeh essa relação está colocada na própria feitura da obra, que foi pensada ao mesmo tempo enquanto um diálogo com as memórias de Oz a partir de suas memórias e da perspectiva do seu povo. Nesse sentido, o conflito de narrativas, por mais que em certos momentos mobilizem fatos pesados, é, também, um movimento de diálogo e superação dos próprios traumas.